

ARTHUR  
DAPIEVE

dapieve@oglobo.com.br

Sobre o que não  
se pode falar...

O rock é um ramo do pop. Certo. “Pop” é um termo vasto, um coração de mãe no qual sempre cabe mais um estilo voltado para os grandes públicos. Não há música instrumental que fale às massas, carentes ou de refrão pegajoso ou de boa poesia. Rock instrumental, então, soa quase uma contradição em termos. *Eppur si muove*.

O quarteto de rock instrumental E A Terra Nunca Me Pareceu Tão Distante — bom nome, mas doravante tratado por EATNMPTD — acaba de disponibilizar nas plataformas digitais o primeiro álbum de estúdio, “Fundação”, pela Balaclava Records. Formado em São Paulo, em 2013, lançou três compactos, dois EPs e um álbum ao vivo.

Os guitarristas Lucas Theodoro e Luden Viana, o baixista Luccas Villela e o baterista Rafael Jonke estavam no meu radar desde que um dos dois EPs lançados em 2014, “Vazio”, caíra fisicamente nas minhas mãos. À época, Marcelo Terreiro tocava baixo. O EATNMPTD já era interessante, mas eu achei que poderia se tornar mais.

Tornou-se. As dez músicas de “Fundação” alternam títulos curtos, como a faixa-título ou “Daiane”, e títulos caracteristicamente tão longos quanto o nome da banda, como “Quando o vento cresce e parece que chove mais” ou “Todos os dias sua lembrança me assola, mas não importa”. Sendo as músicas instrumentais, os títulos funcionam sobretudo

como sugestões para as livres associações na cabeça de cada ouvinte.

Em todas, há uma profusão de belas melodias, ora dedilhados intimistas, ora crescendos épicos. Sim, o EATNMPTD está alinhado com aquilo que se convencionou tratar, ainda no século passado, por pós-rock. Nesse subestilo, a voz só entra, quando entra, para servir como ruído ou como outro instrumento. O grupo islandês Sigur Rós, por exemplo, usa uma língua inventada, sem sentido, puro som. O canadense Godspeed You! Black Emperor e o americano Explosions in the Sky são puramente instrumentais.

O EATNMPTD também não canta na maior parte de “Fundação”, preferindo ataques furiosos das guitarras, como na faixa “Como aquilo que não se repete”. Tal linha de trabalho é quebrada na última faixa, “Se a

resposta gera dúvida, então não é a solução”. Esta frase é repetida e repetida, em coro, como insólito apelo por ceticismo e moderação em comício. Embora o pós-rock seja “alternativo” e mais difícil de se apreender do que o progressivo e o metal, subestilos de largas porções instrumentais, aqui o quarteto paulistano até pisca para o pop. O título/slogan gruda que é uma beleza.

Hipótese. Na década de 1980, o novo rock brasileiro disse o que o país queria e precisava ouvir enquanto pelejava para se redemocratizar, depois de duas décadas de ditadura militar e censura. Tanto fazia ser “mas realmente eu preferia que você estivesse nua” ou “nas favelas e no Senado, sujeira pra todo lado”. Eram ventos de liberdade. Hoje, final da década de 2010, quando um terço do eleitorado contempla a possibilidade de “desdemocratizar” o Brasil, nailusão de que a vida era melhor sob um ditador, talvez apenas o rock instrumental consiga expressar o indizível da situação. Ou a parceria entre títulos e sugestões ou o verso “se a resposta gera dúvida, então não é a solução”.

## ENTREVISTA

## Julio Le Parc / ARTISTA PLÁSTICO

Um dos pioneiros da arte cinética, o argentino radicado em Paris exhibe obras em galeria de Ipanema e participa de debate na ArtRio. Aos 90 anos, ele prepara grandes retrospectivas

NELSON GOBBI nelson.gobbi@oglobo.com.br

‘NADA NA MINHA  
OBRA ESTÁ  
FECHADO EM  
UM CICLO’

Na última segunda-feira, 90 anos, Julio Le Parc chegou ao Rio para uma extensa agenda que inclui a visita a ateliês e instituições, a abertura de uma individual na galeria Nara Roesler, antontem, e uma mesa redonda na ArtRio com o curador Rodrigo Moura, hoje, às 17h50m. A disposição para tantos compromissos é a mesma com que o mestre argentino, radicado em Paris desde o fim da década de 1950, se lança diariamente ao trabalho, seja criando no ateliê ou cuidando de cada detalhe de suas exposições pelo mundo. Um dos pioneiros da arte cinética e da op art, em trabalhos solo ou em coletivos como o Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV), Le Parc revê sua produção enquanto prepara novas exposições e diz que o que fez no passado pode servir de inspiração ou mesmo ser retomado: “Nada na minha obra está fechado em um ciclo”.

## Como o senhor vê a influência de sua obra e de sua geração na arte contemporânea?

Não sei se há influência, pode ser que exista algo em obras de artistas mais jovens, o que, no meu caso, são quase a totalidade dos artistas (risos). Mas não consigo me ver restrito dentro de uma categoria, como a arte cinética. São formas artificiais de agrupar artistas. Dentro do mesmo movimento podem haver diferenças de comportamento, de atitude, do ponto de vista estético. No meu caso, era mais uma busca experimental, queria desvendar questões que o movimento resolvia.

Nos anos 1960, o senhor e outros integrantes do GRAV propunham que o espectador não fosse visto de forma

## passiva, mas que também tivesse um papel dentro da obra. Essa visão é corriqueira na produção contemporânea. Como vê essa contribuição?

Na época, trabalhávamos essas ideias em grupo, dentro de propostas, muitas vezes simples, de estabelecer relações do público com as obras. Era algo mais voltado às experiências, como dizíamos, do que uma pretensão de criar uma obra de arte. Muitas obras não funcionam sem o público. Se algo está em movimento, por exemplo, e ninguém participa, esse movimento vira algo vazio.

## Como é sua rotina no ateliê? Trabalha todos os dias?

Sim, começo depois do café da manhã e sigo até 19h, 20h. Às vezes até 22h. Aos sábados, saio um pouco para tomar um ar (risos). Faço um pouco de tudo: cuido das exposições, trabalho em novos temas, faço croquis. Se não trabalho, fico entediado, gosto de ajustar detalhes, ter a satisfação de ver pequenas coisas darem certo.

## O senhor acompanha de perto todas as montagens de suas obras?

Vou a todas que consigo, e, as que não posso, acompanho por foto ou vídeo. É importante estabelecer a relação correta das obras com o espaço, às vezes é preciso controlar a luz ou pintar paredes. Tudo o que favoreça a experiência do espectador. Muitas vezes, uma arquitetura imponente ou com muitos detalhes pode interferir nessa experiência.

O senhor prepara grandes retrospectivas para breve (em dezembro, no MET, de Nova York, e em 2019, no Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires). Mostras assim criam a oportunidade de rever sua obra?



DIVULGAÇÃO/EVERTON BALLARDIN



Certamente. Devo selecionar trabalhos realizados na Argentina, antes de partir para a França, ou as primeiras experiências em Paris. Cada obra combina com outras, que podem servir como pontos de partida, de conti-

nuação ou mesmo de ampliação. Nada na minha obra está fechado em um ciclo, posso retomar os trabalhos, vê-los de outra maneira.

O senhor acha que os países da América Latina poderiam

## ter uma maior integração artística?

Há muitos anos defendi uma proposta de intercâmbio na região, uma espécie de ateliês abertos, onde artistas pudessem se hospedar e criar. Passar 15 dias ou um mês trabalhando e fazendo contato com artistas locais. Isso ajudaria a diminuir o complexo de inferioridade da arte latino-americana em relação à Europa ou aos EUA. Houve uma imposição de Nova York como grande centro da produção mundial e tudo o que pudesse fazer sombra a essa pretensão passou a ser eliminado. Não há nenhum motivo para que alguém diga que eles são melhores.



## “Julio Le Parc: Obras recentes”

Onde: Nara Roesler — Rua Redentor 241, Ipanema (3591-0052). Quando: Seg a sex, das 10h às 19h; sáb, das 11h às 15h. Até 14/11. Quanto: Grátis. Classificação: Livre.

## Incansável.

Julio Le Parc posa no Copacabana Palace: artista cumpre extensa agenda no Rio, que incluiu montagem de exposição na galeria Nara Roesler, com obras como “Alchimie 392”, de 2018 (ao lado)